

Matei minha seca com um encanador!

["

Minha mãe costumava dizer que eu tinha o dedo podre no que diz respeito a escolher homem. Acho que ela estava certa, afinal, tudo que consegui foi virar uma mãe solteira. Minha predileção por cafajestes sempre foi maior que meu juízo. Hoje, aos 43 anos, consigo admitir...

Tive meu filho aos 25 anos, com um cara que conheci numa balada. Um bêbado, desempregado e sonhador, que fugiu na primeira conta de luz. Desde então, evitei relacionamentos ao máximo. Dediquei os últimos dezoito anos à criação do meu filho, mas agora que ele foi fazer faculdade em outra cidade, me dei conta da solidão. A casa ficou grande demais.

Fui me adaptando aos poucos à minha nova condição. Voltei a me cuidar, entrei na academia, comprei um consolo do tamanho de um cavalo, mas ainda assim, sentia falta de um homem de verdade. O consolo já não consolava tanto assim, apesar das diversões que ele me proporcionou, sentia falta de carne, de um caralho bem grosso e pulsando dentro de mim. Eu me perguntava como seria mamar num pau novamente depois de tanto tempo. Será que eu ainda sabia chupar uma rola tão bem quanto à fama que eu tive na juventude de boqueteira da rua?

Eis que então o tédio daqueles dias finalmente recebeu um raio de sol. Um raio de um metro e oitenta, cara de bronco e panca de safado. Todo garotão, mas com o rosto mal tratado, com linhas de expressão de um homem de verdade. Ele estava saindo do apartamento da vizinha, devidamente uniformizado de encanador. Parecia mais um stripper...

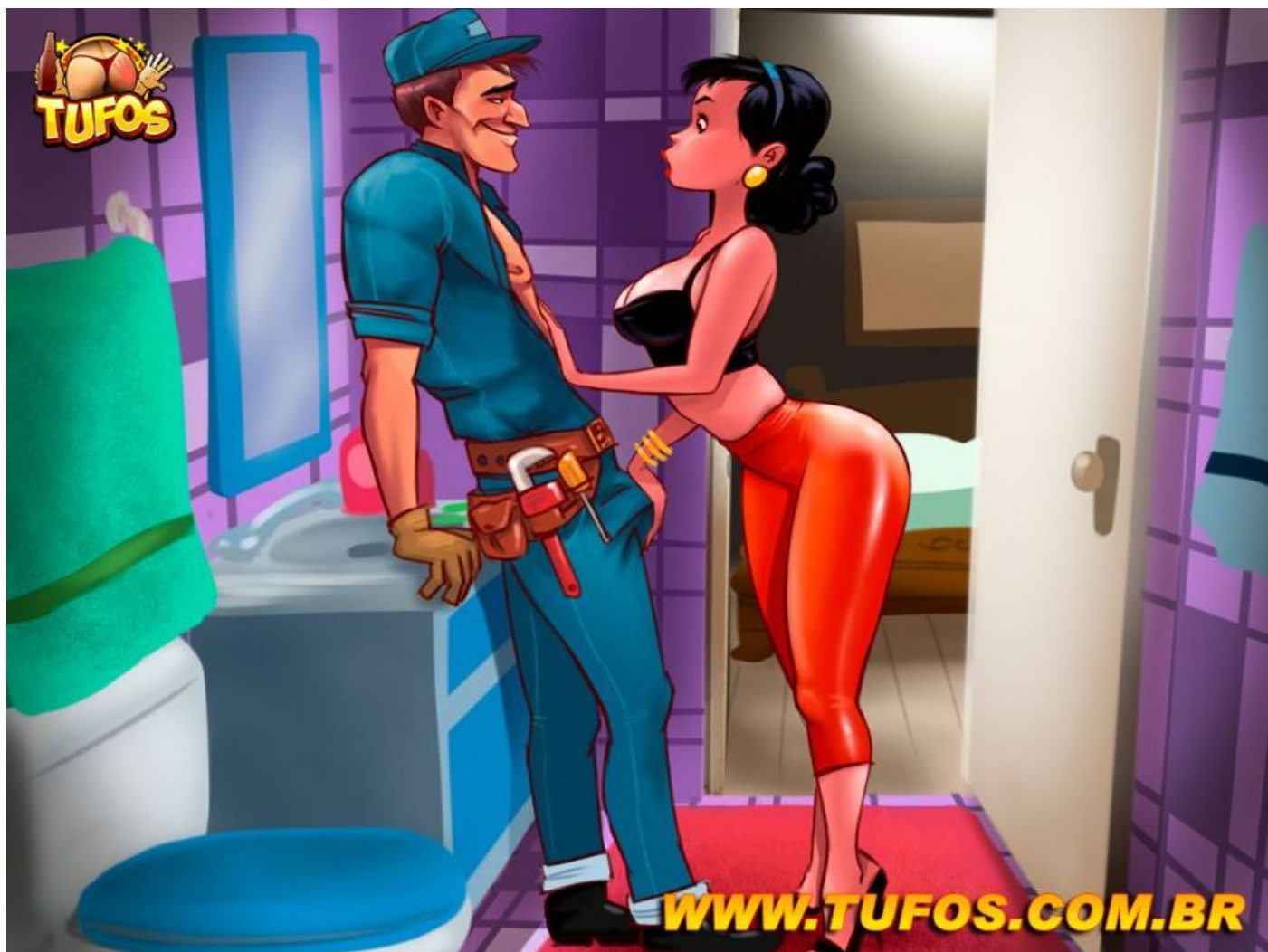
Senti minha xota pulsar só de olhar pra aquela mala saliente no jeans batido da calça. Ele me fitou e disse um Oi, dona!, eu tremi as pernas e senti a língua salivar. Numa reação audaciosa e impensada, me atrevi a inventar que estava mesmo precisando de um encanador. Fiquei na dúvida se ele realmente era encanador, continuava parecendo um "gogo boy" fantasiado, mas arrisquei mesmo assim. E não é que o safado era mesmo encanador!?

Pois bem, fomos para o meu apartamento e pedi que ele checasse o encanamento da cozinha, alegando que estava entupindo de vez em quando. Ele colocou a mão na massa e atestou o que eu já sabia: "Nenhum problema!. Comecei a pensar que minha brincadeirinha ia acabar em nada e já começava a me sentir meio sem graça. Pedi que desse uma olhada no banheiro de empregada. Novamente, nenhum problema nos canos. Se ele soubesse que meus canos é que estavam com problemas... Mesmo assim insisti para que conferisse também o banheiro da suíte, o que era bem conveniente.

Só a presença daquele macho entrando no meu quarto já me deu vontade de ficar pelada e cavalgar em qualquer coisa roliça e comprida. Minha testa suave. Meu olhar desviava. Meus peitos acesos. Sentia meus bicos lutando contra o top que eu usava. Minha buceta latejava na minha calça vermelha de vinil.

Ele se aproximou da pia do banheiro, fez que ia começar o serviço, mas voltou atrás. Virou-se pra mim e disse: A senhora tem certeza que quer fazer esse teatro até o fim?. Eu me fingi de assustada, ofendida, recalçada. Ele não caiu na minha e continuou: "Se o problema é no encanamento, eu dou um jeito no encanamento. Se o problema for na dona... Eu dou um jeito melhor ainda!". E encostou na pia, todo malandro, dono do lugar! Tinha idade pra ser meu filho e já tinha me sacado! Eu estava mesmo ficando enferrujada! Mas enfim, tendo isso em vista e a casa toda só pra nós, não vi problema em desmontar meu disfarce.

Eu me aproximei devagar, levei minha mão esquerda até seu peitoral, senti os músculos definidos, mal podia esperar pra avançar ainda mais, mas me contive, saboreei o instante. Fui desabotoando seu uniforme com apenas essa mão, botãozinho por botãozinho, até conseguir uma boa panorâmica daquele tronco forte, carnudo e sentir o cheiro de homem. Na verdade, era cheiro de garoto com suor de homem. E nem percebi quando minha mão direita se adiantou em apalpar o pênis dele. Que delícia! O tremor na mão entregava o tempo que ela já não agarrava um cacete bem servido.



"]

["

Fiquei apertando de leve, dando apertos mais firmes de vez em quando, sentindo crescer dentro da calça. Ele estava adorando e parecia bem acostumado a ter que dar um jeito em donas feito eu. Então me aproximei ainda mais, cheirei seu pescoço, fui farejando feito uma gatinha no cio, até chegar em sua boca. Lambi meus lábios antes de lamber os lábios dele. Molhei cada centímetro daquela boca e fui mordiscando como um animalzinho selvagem inofensivo.

Senti as luvas abraçando meu corpo, pegando minha cintura de jeito. Acariciei o alicate de pressão no cinturão dele. Dava vontade de enfiar aquelas ferramentas todas em mim. Alguma coisa precisava me penetrar. Eu estava encharcada, minha xoxota implorava pra que aquilo fosse até o fim.

Ele foi tirando as luvas e a camisa, enquanto eu deslizava para baixo, desabotoando seu cinto, mordendo os lábios de ansiedade para ver o pau dele. Desabotoei a calça, baixei até os joelhos, mordi o volume embaixo da cueca e finalmente pus para fora. Nunca tinha visto uma coisa daquele tamanho! Era uma terceira perna, pode ter certeza. Coloquei na minha mão, depois coloquei outra mão... Era do tamanho do meu rosto!!!

Punhetei de leve, sentindo a carne macia esquentando nas minhas palmas. Pedi que ele sentasse no vaso, ele obedeceu feliz em saber o que aconteceria em seguida. Fiquei olhando pra aquele Adônis do submundo. O menino era realmente um deus grego. Um pecado completo. Eu só queria dar pra ele o quanto antes! Então eu me coloquei ajoelhadinha no azulejo, como moça bem comportada que sou, coloquei minhas tetas pra fora da blusa e abri minha boquinha. Então lembrei da minha dúvida: Será que eu ainda era a boqueteira da rua?. Só havia um jeito de saber..



["

Fiquei lambendo as bolas enquanto segurava o pinto. Lambuzando meu rosto em minha própria baba. E aquele caralho não parava de crescer. Quando vi que estava duro feito mármore, até me espantei. Fiquei admirando por um instante. Abri a boca, mas demorei para calcular quanta garganta ia precisar pra engolir aquilo tudo até o talo. Abocanhei de uma vez, totalmente cadela. Eu era a cadelinha daquele encanador. A cadelinha da rua, a vadia do bairro. E eu estava adorando a sensação!

Ele gemeu surpreso quando sentiu meu nariz em sua virilha. Eu estava com a boca cheia, tinha chegado no talo! Não tinha um nadinha sobrando. Ele disse Dona, isso é que é talento, hein?!. Tirei a boca e disse Obrigada!, Não para não! se desesperou. Calma, só não quis falar de boca cheia e dei risada.

Mamei feito uma cabritinha. Fiz tão bem, que o pobrezinho não se aguentou. Só senti explodir o jato no meu céu da boca. Fiquei decepcionada nessa hora. Não chupei nem dois minutos. Pensei Mminha xoxota não vai gostar nada dessa história!. Mas isso mostrava que eu ainda era a rainha do pedaço. Não tinha perdido meu dom. Eu me lembrei de cada carinha da minha rua que gozou na minha boca quando eu era apenas uma adolescente safada.

Então me levantei, fui até a pia e cuspi. Uma profissional nunca engole qualquer coisa! E acho que ele reparou minha decepção. Afinal, o que eu queria mesmo era dar uma foda gloriosa pra aquietar minha buceta por mais dezoito anos, se necessário. Mas o cabra tinha gozado... Eu não ia ficar esperando, nem punhetando até ele voltar à boa forma.

Para meu espanto, após secar meus lábios, olhei para o vaso e lá estava o garotão com a pica apontando pro teto, dura e pronta pra continuar. Tinha esquecido as vantagens da juventude, tinha esquecido como era dar pra um cara que não vive bêbado ou cheirado.

Ele me agarrou pelo quadril, colocou minha bunda pra roçar em seu rosto, mordeu a polpinha da banda e foi arrancando minhas calças, e as jogou em cima da pia, praticamente desintegrou minha calcinha, me virou por trás e me botou pra sentar. Sentei feito uma puta grátis. Pedia pra ele me bater. E ele desceu a mão na minha bunda até ficar bem vermelha. Fiquei fazendo gangorra com meu rabo até não aguentar mais. Eu segurava apertando minhas tetas de tesão. Fazia barulho de tão molhada, ensopada, na verdade. Um passeio maravilhoso! Dessa vez, quem não segurou pra gozar fui eu. Rapidinho estava toda arrepiada, as pernas bambas, gemendo e falando putaria, implorando pra ele não parar e sentindo aquele prazer esquecido no passado. Gozei gostoso, tão gostoso, mas tão gostoso que precisava de mais, e mais e mais!

Como ele já tinha gozado uma vez, eu acho que foi fácil segurar a segunda! Então abusei da minha sorte e fiz tudo que era posição, conseguindo gozar mais duas vezes. Só parei quando não tinha mais forças pra nada, a não ser me ajoelhar outra vez e pedir pra ele gozar na minha cara. Pra fechar com chave de ouro! Ele lavou minha cara de porra!

Quase em seguida, vestiu o uniforme. Fui com ele até a porta, ainda peladinha. Peguei minha bolsa, fiz um cheque de trezentos reais: "Obrigada pelos serviços!". "Não tem de quê, madame!".



"]